



PASTOR R. H. PIERSON
Reeleito Presidente
da Associação
Geral

VIENA, ÁUSTRIA

Do dia 10 a 19 de julho de 1975, representantes de todo o mundo adventista estarão reunidos no Stadthalle de Viena para os trabalhos do 52.º Congresso da Associação Geral. O primeiro se realizou em Battle Creek, Michigan, em 1863, e dele participaram 20 delegados. O 51.º realizou-se em Atlantic City em 1970, com a presença de 1.458 delegados em sua sessão inaugural. No culto do sábado de manhã apresentaram-se 30.000 pessoas. Entre as duas sessões mencionadas houve algumas que a História destaca: Minneapolis, 1888, cuja só menção sugere o tema, "Justificação pela Fé", que ocupou praticamente todo o tempo das reuniões; e Battle Creek, 1901, quando se levou a cabo a organização administrativa da igreja adventista, criando-se entre outras coisas os departamentos e as uniões.

Qual será o fato que marcará o congresso em Viena? Que se dirá dele no futuro? Apenas um congresso a mais? O primeiro realizado fora dos Estados Unidos da América do Norte, apenas? Ou sucederá o que todos esperam, um ALGO que leva a igreja a seu final triunfo e a terminação da obra?

É inspirador ver o quanto tem progredido este povo adventista de começos tão humildes. Temos diante dos olhos uma estatística das Sociedades Bíblicas, na qual figuram 184 países do mundo e 76 igrejas cristãs. Um pontinho indica se a igreja correspondente a essa coluna está presente no país dessa região. Chama a atenção uma linha quase ininterrupta de pontos: representa a igreja adventista do sétimo dia, que está em 176 dos 184 países, e que só está ausente de Ifni, Sócrota, Tibé, e algumas ilhas ou pequenos países mais... Estamos em mais países do que todas as demais igrejas evangélicas juntas.

Enquanto outras fecham suas portas, nós continuamos batizando aos milhares.

Na Divisão Sul-Americana, bem como na Interamericana, durante 1974, foram batizadas cerca de 85 mil pessoas, número superior ao que a igreja adventista possuía em todo o mundo no começo do século.

Todavia, nem tudo é glorioso. Há preocupações na direção da igreja pela complexidade da tarefa que devemos realizar num mundo também complexo, e pelas necessidades internas que enfrentamos. O acelerado crescimento da igreja traz problemas que precisam ser enfrentados e solucionados. Especificamente, quais são as principais preocupações que a igreja vai enfrentar em Viena?

1. Talvez a maior seja o reexame dos objetivos que perseguimos como povo. Não poderíamos dizer "reformulação dos objetivos", pois os objetivos teóricos são claros e não precisam ser reformulados; apenas precisam ser reexaminados. Para que existimos? Sabemos que nossa missão não é pregar um evangelho social, ou lutar pela justiça social, ou entregarmo-nos a contendas raciais, nem nos dedicarmos a resolver outros problemas com que se preocupam o Concílio Mundial de Igrejas e alguns de seus filiados. Sabemos por meio da Bíblia e do Espírito de Profecia que nossa tarefa não está diretamente ligada a esse campo, mas sim, evangelizar. O evangelho converte o coração e muda muitas dessas situações anormais.

Mas não estamos muito esclarecidos sobre outros aspectos. Valeria a pena formularmos perguntas como estas: Estão todas as nossas instituições médicas preenchendo as condições que Ellen G. White apresentou como ideais no cumprimento de sua tarefa? Estão nossas escolas e instituições educativas em geral cumprindo sua tarefa? Estão cumprindo a RAZÃO de sua existência? São todas elas uma ajuda, ou algumas delas são

porventura uma sangria na igreja? Estamos dando à evangelização a prioridade em recursos financeiros e humanos, ou isto é simplesmente uma das muitas atividades que promovemos? Não estamos gastando demasiado dinheiro em adornar ou pintar o carro, a ponto de não nos sobrar dinheiro para comprar o combustível?

2. Necessidade urgente de uma reorganização administrativa. Se Ellen White vivesse hoje, talvez escrevesse alguns testemunhos muito semelhantes aos que escreveu nos anos anteriores a 1901. Estamos vendo um fortalecimento extraordinário da fase administrativa e institucional da obra, o que constitui uma bênção sempre e quando não debilita a base da igreja, que é o pastorado, a evangelização, a construção de templos. Lamentavelmente isto está acontecendo em alguns setores. No livro de regulamentos da Divisão, há a recomendação de que se crie uma Comissão em nível de Uniões, cuja tarefa seria estudar nos campos locais “a relação entre gastos administrativos e evangélicos”. — *Livro de Regulamentos*, FO-9, inciso 4. Este é um problema mundial que preocupa a igreja e que estará presente em Viena para ser analisado e enfrentado. No Concílio Anual do México em 1973, que em certo sentido pode ser considerado como preparatório do grande Congresso Mundial de Viena, a nota tônica dos trabalhos foi “dar ao primeiro o primeiro lugar”.

3. Reavivamento e reforma. Foi este o grande tema da igreja através de toda a sua história, mas que recebeu um assinalado impulso e ênfase a partir de Detroit em 1966 e em Atlantic City em 1970. Dezenas de artigos têm sido escritos, centenas de sermões pregados e multidões de campanhas promovidas, e muito tem sido alcançado graças a Deus.

O povo remanescente encara os momentos decisivos da História, o desenlace do drama mundial e o final do conflito dos séculos. Que se necessita para isto? Sem dúvida planos mais amplos, mais elemento humano capacitado, mais evangelização, mais meios econômicos, mais templos e muita coisa mais. Sem dúvida, infinitamente mais urgente

(Continua na pág. 22)

Deus e a Igreja

Desafiam os Líderes:

“ESFORCEMO-NOS PELO NOSSO POVO”

Robert H. Pierson

NAÁS, rei de Amom, estava morto. Davi, agradecido pela bondade que Naás lhe demonstrara em dias de necessidade, enviou mensageiros reais para confortar seu filho Hanun, o novo rei. Como aconteceu tantas vezes, esta demonstração de solicitude foi mal entendida, pois os conselheiros do novo rei lhe envenenaram o espírito, virando-o contra Davi.

“Porventura honra Davi a teu pai aos teus olhos, porque te enviou consoladores?” eles disseram. “Porventura não enviou Davi os seus servos para reconhecerem esta cidade, e para espíá-la, e para transtorná-la?”

Hanun se deixou convencer. Hanun agiu. Ele tomou os servos de Davi, “e raspou-lhes metade da barba, e lhes cortou metade dos vestidos, até as nádegas, e os despediu”, enviando-os nesse aspecto ridículo de volta a seu país.

A panela ferveu. Davi, indignado com este insulto, preparou a vingança. Os amonitas reagiram à altura. Hanun teve logo a seu serviço um exército de sírios mercenários e outros aliados prontos para a batalha que seria inevitável. O Senhor e Joabe, porém, eram demais para o exército de Hanun. Em sua ordem do dia Joabe enviou os homens para a batalha com palavras de encorajamento que ainda hoje soam assim aos nossos ouvidos.

“Esforcemo-nos pelo nosso povo, e pelas cidades de nosso Deus; e faça o Senhor então o que bem parecer aos Seus olhos”. II Sam. 10:4, 12.

“Esforcemo-nos pelo nosso povo”, “o Se-

nhor faça o que bem parecer aos Seus olhos”, eis as palavras de um verdadeiro líder. Sob a bênção do Deus de Israel elas se mostraram catalíticas para a vitória. O resultado da batalha? A Palavra inspirada descreve o efeito final de cada encontro entre sírios e Israel nestas palavras: “Os sírios fugiram”. E a história termina com esta sintomática afirmação: “E temeram os sírios de socorrer mais os filhos de Amom”. V. 19.

“Esforcemo-nos pelo nosso povo”. Essas palavras inspiraram o Israel do passado numa hora de ameaça. Elas desafiam a liderança do Israel dos últimos dias numa hora de grande e potencial progresso para a terminação da obra, mas também uma hora de indiferença e mornidão, com perigo de derrota.

Vitória final ou final desencorajamento? Esta pergunta é vital para a igreja remanescente de Deus, e a resposta pode depender dos líderes! Visto que sois líderes, estais em face de um momento de verdade que não ousareis ignorar. A causa de Deus necessita de liderança nesta hora de desafio — liderança corajosa, liderança disposta a aventurar-se por Deus, determinada a esforçar-se “pelo nosso povo”.

Liderança e laicato necessitam ambos de estímulo na igreja de Laodicéia, despertando-se para novos cometimentos, para um novo senso de missão. Não apliqueis isto agora a ninguém mais senão a vós mesmos, cada um tomando para si próprio o desafio, lembrando-se de que é um líder. O desafio que soa neste instante é dirigido a cada um que

lê esta mensagem. É um chamado para ação, chamado para que nos “esforcemos pelo nosso povo”. Estes dias agitados em que vivemos demandam que nos coloquemos de joelhos em renovada consagração. Então Deus nos fará erguer sobre nossos pés em renovada dedicação à finalização da obra.

Sois líderes! E sois líderes quer sejais professor, obreiro de alguma instituição, Pastor, dedicado médico-missionário, secretário departamental, presidente de União ou de Associação, obreiro de casa publicadora ou funcionário de escritório. Seja qual for vossa função, Deus espera que estejais *liderando*, “manejando os homens” [KJV], fazendo o trabalho, e fazendo-o bem.

Deus hoje está a procura de líderes que verdadeiramente lideram — homens ou mulheres — que estejam na frente promovendo a paz, enfrentando problemas, buscando soluções, vencendo dificuldades, e não agindo como se tivéssemos um século de tempo para concluir o trabalho. Deus está procurando líderes que não se deixem vencer pelas dificuldades ou desanimar ante derrotas ocasionais — líderes que estejam dispostos, com Seu auxílio, a abrir seu caminho por cima, pelos lados, ou contornando os obstáculos até chegar ao sucesso.

Recentemente vi uma *charge* em que parecia um homenzinho falando agitadamente a uma multidão que estava diante dele. A legenda dizia: “Aonde fordes irei, pois sou o vosso líder; mas esperai-me um momento!”

A igreja de Deus não necessita hoje de líderes que estejam lutando desesperadamente para manter passo com os liderados. O que a igreja necessita nesta hora é de líderes que vão à frente — mostrando o caminho e dando o exemplo.

Desejo falar sobre *homens*, homens *fortes*, homens *dedicados*. Quando digo “homens”, espero que se compreenda no sentido genérico, pois dou graças a Deus que haja em nossa igreja mulheres consagradas que são líderes — verdadeiras heroínas de Deus. Podeis encontrá-las em qualquer igreja adventista ao redor do mundo.

“Manejemos os homens” [KJV]! Homens e mulheres são mais importantes do que orçamentos ou equipamentos ou maquinaria, ou planos, ou edifícios ou qualquer outra

coisa material. O homem é a matéria-prima com que é feito o sucesso. São os líderes que decidem se um projeto, ou uma instituição, ou igreja ou escola primária terá sucesso.

Um secretário de publicações veio tratar de problemas de seu departamento. Sua principal preocupação eram os livros. Ora, eu compreendo perfeitamente que necessitamos de bons livros para aumentar nossas vendas e tornar mais eficaz nosso programa de salvação de almas. Talvez muitos de meus irmãos de liderança não concordem com o conselho que dei a meu amigo. “Descubra bons homens e mulheres no campo, e os livros cuidarão de si mesmos”, eu aconselhei. Eu creio em bons homens e boas mulheres, homens e mulheres dedicados em qualquer atividade.

Necessidade de Líderes Qualificados

Desde que estou na Associação Geral tenho-me preocupado com a necessidade de líderes qualificados — homens e mulheres que não tenham a palavra *fracasso* em seu vocabulário. Há no mundo todo grande necessidade de líderes. Frequentemente debatemos este ponto em nossas reuniões de comissão e mesas.

A obra de Deus necessita de homens que estejam dispostos a pagar o preço da liderança. Este preço se traduz em longas horas de trabalho, em estrito regime, na dedicação a deveres que não admitem intrusão. Este preço demanda a disposição de dar o exemplo na sustentação das normas da igreja. Às vezes ele requer que o líder deixe de ir a algum lugar ou de fazer alguma coisa que possa ser mal interpretada, embora não erradas em si mesmas. Como líder, ele evitará causar prejuízo a algum irmão mais fraco.

Liderança em nossos dias requer obreiros com sabedoria e coragem — sabedoria para saber o que fazer, e coragem para fazer o que deve ser feito. O preparo de um povo para a vinda de Jesus requer algumas mudanças em nossas igrejas e em nossas instituições. Essas mudanças receberão oposição forte, honesta embora. Quando o líder tiver de proceder a tais mudanças, terá de mostrar muita sabedoria e coragem. So-

mente líderes destemidos, cuja própria vida esteja acima de reproche e que estejam mais preocupados em levar a cabo o conselho do Senhor do que em receber aprovação, terão condições de realizar esta tarefa.

Levar a Igreja à Ação — Eis a Primeira Tarefa do Líder

Como líderes necessitais compreender que vossa primeira tarefa é levantar-vos e galvanizar a igreja de Laodicéia à ação, para que saia vencendo e para vencer nestes dias finais da história da Terra. Tendes em vossas mãos justamente todo este potencial, mas muito dele está latente, necessitando ser despertado e ajustado para o serviço de Deus! A maior responsabilidade para terminar a obra nesta geração repousa sobre vossos ombros, porque sois líderes!

Deus está dependente de nós. Nossa igreja está dependendo de nós, porque somos os líderes. “Esforcemo-nos pelo nosso povo”. Em fazendo isto, demonstrem os líderes possuírem impecável integridade.

Absoluta Integridade, Essencial

Anos atrás conheci o Pastor Shifty. Ora, o Pastor Shifty era um homem cujo registro estava acima da média. Mas nunca estávamos certos sobre ele. Desejávamos que ele nos olhasse mais diretamente nos olhos, e que aqueles a quem ele liderava não tivessem tantas observações sobre seus métodos. Seu relacionamento financeiro com a igreja tinha algo a desejar.

Jamais poderíamos acusar o irmão Shifty de fraude ou ação criminosa, embora muitos dos seus processos para alcançar os seus objetivos despertassem dúvidas na mente de alguns. Afinal o irmão Shifty deixou a liderança da igreja — e mais tarde a própria igreja. Afortunadamente, porém, há na igreja remanescente poucos irmãos Shifty.

Os líderes na igreja de Deus hoje, empregados denominacionais ou leigos, devem ser homens e mulheres de absoluta integridade e elevados princípios, líderes que preguem, mas também pratiquem.

Falando aos dirigentes da Associação-União do Pacífico em 1964, o Pastor João Osborn disse: “O administrador cristão deve possuir uma integridade que não se ponha à venda. Tem-se dito que todo homem tem seu preço, seja alto ou baixo. Na base deste conceito, Simão, o encantador, que nominalmente havia-se convertido ao cristianismo, propôs-se comprar aos discípulos o dom do Espírito Santo. Vendo a assinalada demonstração deste poder, Simão quis adquiri-lo por dinheiro. (Ver Atos 8:19, 20.) É certo que muitos homens têm um preço pelo qual se vendem. Mas não há preço que tente um homem de integridade de princípios. Para ele as dificuldades com a aprovação de Deus valem mais do que grande fama com aprovação apenas dos homens”.

Necessita-se de Calebes

“Necessitamos de Calebes agora”, escreve a irmã Ellen G. White, “que se apressem para a frente — chefes em Israel que com corajosas palavras apresentem forte relatório em favor da ação imediata. Quando pessoas egoístas, medrosas, amantes do conforto, temerosas de gigantes, e de inacessíveis muros, clamam por retirada, ergam-se as vozes de Calebes, embora os covardes tenham pedras nas mãos, prontos para abatê-los em seu fiel testemunho”. — 5 T, p. 383.

Nos dias atuais a igreja de Deus tem de movimentar-se depressa e continuar em progresso até que o trabalho esteja completado. Necessitamos de líderes dinâmicos, audazes, que estejam dispostos a aventurar-se por Deus. Eles cometerão erros, é certo; quem não os comete? A única pessoa que jamais cometeu erro algum é aquela que jamais tentou coisa alguma para Deus.

Há naturalmente problemas e frustrações. Há razões intermináveis — algumas até boas razões — por que alguns evitam enfrentar esses problemas, solucioná-los e ir adiante. Mas “nós não devemos permitir que o futuro, com seus problemas, com suas perspectivas sombrias, enfraqueça o nosso coração”. — *Ciência do Bom Viver*, p. 248.

(Continua na pág. 22)

IGREJA e ESTADO: Poderes Independentes

Dr. Max Mallqui Reinoso

Introdução: A característica fundamental de nossa época são as profundas transformações de estruturas como consequência da evolução científica, política, cultural, econômica e social.

Logicamente estas transformações exercem grande pressão e domínio na vida da comunidade, principalmente no que se refere aos direitos e deveres de todos, no exercício da liberdade e na busca do bem comum como fruto das relações dos cidadãos entre si e com as autoridades do poder civil.

As nações soberanas existem pela vontade de Deus, com o propósito de estabelecer uma ordem jurídico-política, que proteja melhor na vida pública os direitos das pessoas, sancionando as obrigações a serem cumpridas pelos membros da comunidade. Deus é a origem de toda autoridade. Esta autoridade, cuja fonte é Deus, é partilhada em diferentes graus por Seus representantes na Terra: a Igreja, o Estado e a Família. (Rom. 13:1.)

As legislações que acautelam os direitos essenciais do homem, são: Direitos de livre associação, de liberdade de expressão e de publicações, de professar privada ou publicamente uma religião. A garantia dos direitos da pessoa é condição necessária para que os cidadãos como indivíduos ou como membros de uma associação religiosa, possam participar ativamente da vida da sociedade na base de uma boa conduta, como guia e modelo, na esfera de sua ação cotidiana.

A melhor maneira de chegar à consciência da comunidade é pelo serviço interior de justiça, a benevolência e a prática do bem moral e espiritual, com o reto exercício dos deveres cívicos, respeitando as normas legais de cada país, mantendo-se firmes nos princípios básicos da verdade evangélica.

Igreja e Estado Autônomos e Independentes

A igreja é uma sociedade juridicamente

perfeita, isto é, é uma sociedade que possui meios próprios e suficientes para conseguir por si mesma seus próprios fins, vale dizer, a santificação e a salvação das almas. Assim é como as legislações civis definem a igreja. Biblicamente, a igreja é uma sociedade perfeita, ou seja, uma congregação estável de pessoas humanas, que persistem num fim comum, sociedade fundada por Cristo, constituída por membros sob a disciplina de uma norma e pela participação da fé redentora persegue a eterna bem-aventurança.

A Ata de Fundação da igreja se contém nos evangelhos. A igreja é, pois, como já dito, uma sociedade perfeita, uma congregação estável de pessoas humanas, sociedade que em sua estrutura íntima resulta ser sobrenatural e natural ao mesmo tempo.

Para a lei civil os elementos sociais da igreja são os membros batizados, mas também fazem parte da alma da igreja os fiéis de boa fé, embora não batizados. Estão fora da igreja, de acordo com os estatutos civis, conquanto batizados, os que cometeram delitos públicos de cisma, heresia ou apostasia. O Direito Internacional de Pessoas chama aos membros das igrejas "Homos Viator", ou seja, homem em trânsito por este mundo temporal. (Heb. 11:13.)

As Sagradas Escrituras ensinam que a finalidade da igreja é o homem. Os meios de que dispõe a igreja para alcançar o seu fim são fundamentalmente sobrenaturais: a fé, que os cristãos professos devem testemunhar por sua profissão externa, a verdade, a lei moral, a graça, etc. E também dispõe de meios naturais para materializar sua ação cristã. A igreja, para poder atuar livremente, deve estar organizada juridicamente, de acordo com as leis de cada país, o que lhe dá caráter natural e, por isto mesmo, os Estados consideram a igreja como uma sociedade perfeita, útil, necessária.

O poder civil só considera a igreja infa-

lível no que se refere às verdades sobrenaturais e morais definidas teologicamente, e incorporadas como doutrina à religião cristã. A igreja é indefectível, ou seja, perdura e perdurará eternamente. A igreja está submetida a uma POTESTADE DE ORDEM que administra a graça, por obra do Espírito Santo, realizada pelos ministros do culto, com uma POTESTADE DE JURISDIÇÃO própria e inviolável, para exercer a disciplina por meio do governo da igreja.

Nesta potestade de ordem estão: 1) A potestade de jurisdição — o poder de dirigir e reger a igreja como uma instituição jurídica em suas relações com o Estado e, 2) a potestade de ordem ministerial, ou seja, a faculdade de administrar ritos como o batismo, o casamento, etc. Por exemplo, para a legislação civil nos países da "União Incaica", a potestade de ordem jurisdicional está representada pela Corporação da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, juridicamente organizadas de conformidade com as leis da Bolívia, Equador e Peru.

Existe também a jurisdição de império ou de governo, jurisdição de ministério e jurisdição de magistério. Também a jurisdição legislativa, isto é, a potestade da igreja para ditar normas em assuntos de fé e a jurisdição que é o poder que tem a igreja para aplicar e executar suas normas em assuntos de fé e a jurisdição judicial, que é o poder que tem a igreja para aplicar e executar suas normas em assuntos de sua competência.

Delitos Contra a Igreja

Em princípio, a proteção à igreja é sempre a finalidade do direito e de todo governo constituído; mas, há tutela especial contida nos códigos da maioria das nações, podendo resumir-se assim:

Primeiro: Delito Contra a União da Igreja. — Nestes delitos está o cisma, que é rebelião contra a organização, a unidade e o governo da igreja.

Segundo: Delito Contra a Independência da Igreja. — Este delito alcança os que ditam leis, mandatos e decretos contra a liberdade religiosa e contra os direitos da igreja, podendo citar-se como exemplo: Quando um governo promulga uma lei contra o dízimo ou contra os bens dedicados ao serviço de Deus, ou do culto.

Terceiro: Delito Contra a Constituição Hierárquica da Igreja. — O delito consiste em desconhecer as autoridades da igreja ou os ministros legitimamente constituídos conforme as normas da igreja: delito de abuso de autoridade cometidos por funcionários de um Estado.

Quarto: Delito Contra a Disciplina da Igreja. — O delito típico é a desobediência que consiste em não cumprir ou não fazer cumprir as normas da igreja, ou deixar de executar leis e decretos que favorecem as igrejas. Este delito cometem-no as autoridades civis ou funcionários eclesiásticos.

Quinto: Delito Contra a Dignidade da Igreja. — São os delitos cometidos contra a honra: calúnia, difamação, injúria grave, etc.

Sexto: Delito Contra a Administração da Igreja. — São delitos contra a fé pública; violação de correspondência; violação dos lugares de culto; violação de domicílio; usurpação e suplantação do nome jurídico e os delitos contra o patrimônio da igreja.

Experiência Histórica da União de Igreja e Estado

Historicamente o paganismo se introduziu na igreja a partir do século II, e concretizou-se no tempo dos imperadores Constantino e Tibério. (Ano 313). Para o paganismo, o poder civil é superior ao poder da igreja, de modo que, para o paganismo, o Estado e a Igreja se concentram numa só autoridade: o rei ou o imperador.

Simultaneamente o rei era o primeiro hierarca político e primeiro sacerdote, entendendo-se os assuntos religiosos como um

capítulo dos assuntos públicos. O Direito Romano considerava o *Jus Sacrum* como parte do *Jus Publicum*, e o imperador era o *Pontifice Maximo* e suprema autoridade na ordem religiosa, inclusive titular de honras divinas. Desta tradição herdou o papa a infalibilidade e as honras sacras.

A vinda de Cristo à Terra implicou uma novidade verdadeiramente histórica com a mensagem: “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”.

Em S. Mat. 22:21 Jesus Cristo estabeleceu nítida separação entre os poderes civil e religioso, até então confundidos. Este mandato de Cristo possibilitava a constituição de uma igreja universal, isenta de moldes nacionalistas e raciais; assegurava-se a genuína liberdade de consciência e a supremacia da igreja sobre todas as organizações sociais. Mas a igreja católica romana buscou hegemonia ao amparo do poder civil, sacrificando, assim, a pureza da igreja.

O Edito de Milão: Era Bizantina

O Edito de Milão, promulgado por Constantino e Licínio (ano 313), mudou a perseguição implacável do paganismo contra o cristianismo pela suavidade de Constantino, com o fim de introduzir pacificamente dogmas pagãos na igreja. Os papas o aceitaram gostosamente, equiparando-se, por aí, a igreja com as religiões pagãs, herdando do paganismo o *Dominus Dei* [observância do domingo] e o culto das imagens, etc.

Constantino concedeu muitos favores à igreja, e os sucessivos imperadores continuaram a fazê-lo. Constantino, logo após a derrota de Maxêncios, muda a corte de Roma para Constantinopla. Deixa ao papa o seu palácio de Latão em Roma, construído sobre a colina do Vaticano, assim chamado pelos vaticínios e adivinhações que lá se faziam, e aí o pontífice se instala. E ambos os poderes, civil e religioso, perseguiram os cristãos fundamentalistas, os

quais não aceitavam a união de Igreja e Estado.

Sob o imperador Teodósio (380 e 392), o catolicismo foi proclamado religião única do Estado, proscrevendo-se todas as outras formas de religião. Já com o poder civil, Roma católica dominou a consciência do homem, apostatando deste modo e ocultando as Sagradas Escrituras.

Entre os principais benefícios outorgados pelo poder civil à igreja católica, podemos mencionar os seguintes:

1. Direito de Estabelecer Concordatas.
2. Doações e legados excludentes, vale dizer, só para a igreja católica.
3. Isenção de tributos.
4. Doação perpétua do território do Vaticano para seu Estado político-religioso.
5. Direito de asilo e de imunidade.
6. Direito diplomático de unicaturas apostólicas.
7. Reconhecimento oficial do Código Canônico com competência própria, etc.

Com a invasão dos bárbaros e a queda do Império do Ocidente, a igreja católica se uniu ainda mais ao poder civil dos visigodos, ostrogodos, burgúndios, alamanes, hérulos, lombardos e vândalos.

O rei Franco Clodoveu, com seu batismo, fez o pacto de união entre o poder civil e o papal. O intermediário foi o bispo Remígio. Clodoveu, em troca, outorgou muitos privilégios ao papa como foro eclesiástico do reino dos francos. O rei visigodo da Espanha, Recaredo, aceitou o catolicismo, e pelo terceiro concílio de Toledo (589), este monarca outorgou poderes e favores ao papa, servindo esta estreita união entre o poder civil e a igreja, como modelo para a concordata que dura até o presente.

Pepino o Breve, pai de Carlos Magno, depois da derrota do rei lombardo Astolfo, e por aliança subscrita como papa Estêvão III, outorgou em doação os territórios do Vaticano à igreja (751).

Carlos Magno estreitou ainda mais o vínculo civil com a igreja, e no ano 800 o papa Leão III coroou a Carlos Magno imperador do Santo Império Romano-Germânico.

Deste modo o papa assumiu poder político.

Em 962 Oton I é coroado rei pelo papa João XII, e em troca os bispos e arcebispos recebem a investidura feudal e a outorga da exceção de violar a lei do celibato e mais o regime de simonia eclesiástica. A igreja reagiu no ano 1073 contra a união da Igreja e Estado. O papa Gregório VIII decreta a "Querella das Investiduras", excomungando a todo sacerdote que se atrevesse a aceitar o bispado ou abadias das mãos dos senhores feudais, com ameaça de excomunhão a todo imperador que outorgasse qualquer dignidade eclesiástica.

O poder político reagiu violentamente, e o imperador Henrique IV, depois de rechaçar o decreto de Gregório VII, ordenou a deposição do papa, e este replicou com a excomunhão.

Este conflito entre o Estado e a Igreja durou até o ano 1122, quando veio a Concordata de Worms, celebrada entre o papa Calixto II e o imperador Henrique V. Esta concordata foi ratificada pelo Concílio de Latrão, no ano 1123. A calma durou pouco, pois Frederico Barbarroxa reclama senhorio absoluto ante a igreja, e solicita o poder de designar pontífices, e o papa Alexandre III triunfa no episódio, com o auxílio de outros imperadores aditos. As hostes do imperador germânico foram batidas em Lenguano em 1176.

O poderio papal na época de Inocêncio III (1198-1216) alcançou o apogeu. O papa chegou a ser então o chefe supremo religioso e árbitro da política do mundo ocidental. Em 1302, na época do papa Bonifácio VIII, firmou-se a supremacia eclesiástica, sendo esta data significativa, porque todos os Estados europeus reconheceram a infalibilidade papal. Em virtude dos conflitos entre o poder papal e o poder civil chegou a haver até dois papas de uma só vez. Logo o Concílio de Pisa reconheceu os dois papas como parte da cristandade (1409), dando-se fim ao conflito no Concílio de Constância (1517), com a eleição do papa Martinho V como pontífice único.

Da mesma maneira vinha-se preparando a Reforma Protestante em virtude da cor-

rupção sacerdotal e da união de Igreja e Estado.

Na Dieta de Augsburg (1555), e pelo pacto de Westfalia (1648), ficaria consagrado o princípio de "Religião Estatal", ou seja, a "religião eleita pelo príncipe é a religião dos súditos".

A Revolução Francesa: Napoleão I

Sob a Revolução Francesa as relações entre a Igreja e o Estado se desenvolveram sob permanente crise. Em 1789 foram nacionalizados os bens da igreja. Em 1790 adotaram-se várias medidas contra ordens e congregações religiosas. Em 12 de junho de 1790 foi promulgada a "Constituição Civil do Clero", que reduzia os clérigos à condição de funcionários do Estado. Dividiu-se a igreja entre os "juramentados", que aderiram à referida lei, e os "refratários", que rechaçaram tal constituição. A campanha anti-religiosa culminou com a coroação da "Deusa da Razão", sendo coroada uma atriz no altar da catedral de Notre Dame. Um historiador, comentando o fato afirma que "a causa se encontra no fato de que a igreja, em vez de manter sua pureza, aceitou unir-se ao poder civil, união que os enciclopedistas franceses repudiaram como prejudicial a ambos os poderes".

A Convenção de 21 de fevereiro de 1795 decreta a liberdade de culto para a igreja católica, triunfando uma vez mais a diplomacia pontifícia. Mas o Diretório se dá conta da política papal, e o exército francês ocupa os Estados Pontifícios, tomando prisioneiro o papa Pio VI, que morre na prisão em 1799. Sob o Consulado francês, o papa Pio VII readquire o poder civil e o Estado do Vaticano, e, pela concordata de 1801, fica reconhecida a religião católica como confissão única da França, com todos os privilégios canônicos e civis. É digno de estudo os famosos "77 Artigos Orgânicos".

Em 1801 estala um sério conflito entre Napoleão I e o Vaticano. A causa: O Estado Pontifício mantinha neutralidade no bloqueio continental decretado contra os ingleses por Napoleão.

As forças imperiais ocupam Roma e Napoleão revoga a doação do território do Vaticano por Pepino o Breve e Carlos Magno, anexados aos Estados Pontifícios. Pio VII excomunga a Napoleão, e este replica negando facultades ao papa, fazendo-o prisioneiro. Em 1814 regressa o papa Pio VII a Roma com muito mais influências civis e políticas em toda a Europa. Desde 1814 até 1914 a relação entre o poder civil e o papal se manteve parelha. Nesse tempo a igreja católica alcançou poderio surpreendente, conquistando a seu favor a diplomacia internacional. A carta de Luís XVIII proclamou o catolicismo Religião do Estado Francês. Na Espanha as relações entre a igreja católica e o Estado acentuou-se muito mais na Constituição de Cádiz de 1829, que proclamava: "A religião da nação é e será perpetuamente a Católica, Apostólica e Romana, única e verdadeira".

Todas as nações latino-americanas herdaram desta constituição preceitos que consagram em suas cartas constituições até o dia de hoje. Em 1879 o chanceler Bismark quis liquidar a igreja católica, mas não o conseguiu, fracassando ante o poder do Vaticano. Em 1850 Pio X restabelecia a hierarquia católica na Inglaterra, e desde 1914 um embaixador representa a Inglaterra no Estado do Vaticano, e a Nunciatura Apostólica em Londres. Nos Estados Unidos, num regime de neutral separação entre Igreja e Estado, o catolicismo progride consideravelmente, existindo relações diplomáticas de ordem política entre Estados Unidos e Estado Pontifício.

Em 1929 fica consolidado o Estado Pontifício pelo Tratado de Latrão, celebrado entre o papa Pio XI e Benito Mussolini. A América Latina mostra uma igreja católica poderosa na ordem política e religiosa, com a exceção de que em alguns países ela se vê obstada em sua influência política, mas não religiosa. Mas dentro da igreja se desdobram correntes políticas de tendências socialistas e marxistas fundidas na doutrina católica. Desta união resultou o "Evangelho Social", com funestas conseqüências para a fé católica.

UMA CRONOLOGIA IRREAL*

Azenilto G. Brito

Autoridades em Confronto

1. Os esquemas cronológicos da Torre de Vigia partem das seguintes datas estabelecidas historicamente: 539 A. C. (queda de Babilônia) e 537 A. C. (decreto de Ciro autorizando o retorno dos judeus a sua terra).
2. De posse de tais dados, chegam a 607 A. C., supostamente o ano da desolação de Jerusalém por Nabucodonosor. A partir de 607 A. C. é que traçam um esquema que leva ao “ano marcado” de 1914.
3. Os historiadores e obras citados em *Certificai-vos de Todas as Coisas*, capítulo “Cronologia”, como autoridades que atestam as datas acima:
 - A) *The Encyclopedia Americana*, Vol. III, p. 9 (ed. 1956), s/ queda de Babilônia em 539 A. C.
 - B) Jack Finegan, *Light From the Ancient Past* (publicação da Princeton Univ.), pp. 227-229 (ed. 1959), s/ queda de Babilônia em 539 A. C.
 - C) James B. Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old*

* N. R.: Este artigo é reprodução parcial de uma das seções da apostila, “O Desafio da Torre de Vigia”. Dita obra destina-se a um trabalho em prol das “testemunhas de Jeová”, muito ativas e prósperas ultimamente. Trará estudos bíblicos apropriados, além de uma coleção de 42 páginas fotocopiadas de livros raros da Sociedade Torre de Vigia, contendo fatos inéditos e comprometedores às suas pretensões atuais.

Testament (publicação da Princeton Univ.), p. 306 (ed. 1955).

D) Werner Keller, *E a Bíblia Tinha Razão ...* (S. Paulo, 1958), pp. 264 e 265 s/ retorno dos judeus em 537 A. C.

4. Raciocínio para estabelecer 607 A. C. como o ano da desolação de Jerusalém pelos babilônios e início do cativeiro: “70 anos, contados para trás, desde o retorno dos judeus à Judéia em 537 A. E. C., até o tempo da desolação completa do país após a destruição de Jerusalém em 607 A. E. C.” — *Certificai-vos de Todas as Coisas*, p. 140.

Obs.: Referências fornecidas: Dan. 9:2; Jer. 25:11, 12; 29:10; II Crôn. 36:20, 21 e obras de Flávio Josefo.

5. Contudo o testemunho unânime das mesmas autoridades citadas para atestar as datas 539 e 537 A. C., indicam 586 como a data correta para a desolação de Jerusalém, e não 607 A. C.:

A) *The Encyclopedia Americana*, Vol. XVI, (ed. 1959), p. 31, art. “Jerusalém”:

“Senaqueribe, o sucessor de Sargão, que destruiu Samaria em 722 A. C. e enviou as dez tribos para o exílio, marchou contra Jerusalém em 701 A. C.; mas ele não a conquistou. Mais de um século depois, quando o rei Jeoaquim de Judá rebelou-se contra Nabucodonosor, o exército babilônico ‘transportou a toda a Jerusalém, como também a todos os príncipes e a todos os homens valorosos. ... E o rei de Babilônia estabeleceu a Matanias, seu tio, rei em seu lugar, e lhe mudou o nome em Zedequias’ (II Reis 24:14, 17). Zedequias, porém, rebelou-se igualmente, de modo que Nabucodonosor retornou, destruiu Jerusalém e o templo e levou os judeus para Babilônia em 586 A. C.

“Quando Ciro da Pérsia conquistou Babilônia em 539 A. C., permitiu aos judeus retornarem a Jerusalém e reedificar o templo”.

B) Jack Finegan, *Light From the Ancient Past*, pp. 114 e 115:

“7. O Novo Império Babilônico, 612-539 A. C.

“O Novo Império Babilônico logo teve de enfrentar um desafio do Egito. Em 605 A. C. o Faraó Neco marchou até o Eufrates. Nabopolassar enviou o seu filho, Nabucodonosor II, para enfrentá-lo e a batalha decisiva foi deflagrada em Carquemis. Neco foi derrotado e Nabucodonosor II perseguiu-o através da Palestina e até a fronteira do Egito. (Cf. Jeremias 46). Ali chegou a

Nabucodonosor a notícia da morte de seu pai e ele apressou-se em voltar à pátria a fim de assumir o trono (605-562)". (Ver também p. 188).

Obs.: a) De acordo com II Reis 25:8-22, foi no 19.º ano de Nabucodonosor que ocorreu o ataque decisivo dos babilônios a Jerusalém. Uma vez que Nabucodonosor assumiu o trono em 605 A.C., isso nos leva a 586 como o tempo da desolação de Jerusalém (605—19=586). Essa data, 586, é atestada pelos mais consagrados historiadores, como Jack Finegan, ao falar do início do reinado do herói babilônico em 605 A.C.

b) A verdade é que a "Sociedade" revela-se incapaz de indicar qualquer historiador ou obra de gabarito que dê apoio a sua data 607 A.C. para a desolação de Jerusalém.

C) James B. Pritchard, *The Ancient Near East, An Anthology of Texts and Pictures*, (publicação da Princeton Univ. — 1958), p. 205:

"Nabucodonosor II (605-562)

"1) Dos documentos administrativos encontrados em Babilônia pode-se reunir agora alguma informação concernente à sorte de Jeoaquim, rei de Judá. Esses tabletes cuneiformes alistem entregas de óleo para subsistência a indivíduos que eram prisioneiros de guerra ou dependentes de outras espécies da casa real. São identificados pelo nome, profissão, e/ou nacionalidade" [II Reis 25:27-30, indicado ao lado].

Obs.: Nessa obra ainda mais recente do autor J. Pritchard, com novos dados da Arqueologia, ele confirma que Nabucodonosor começou a reinar em 605 A.C. O contexto da passagem de II Reis 25 indicada (vs. 8, 9 e ss), revela que foi no 19.º ano de reinado que Nabucodonosor investiu contra Jerusalém, destruindo a cidade e o templo; portanto, em 586 infalivelmente.

D) Werner Keller, *E A Bíblia Tinha Razão . . .*, pp. 245, 246 e 248:

"... os recibos de barro babilônios continham como data o 13.º ano do reinado do rei Nabucodonosor, isto é, o ano 592 A.C." (p. 245).

Obs.: a) Se o 13.º ano de Nabucodonosor corresponde a 592 A.C., o 19.º ano obviamente será 586 A.C.

b) Na página 242 desse livro há a confirmação de que Nabucodonosor ocupou o trono em 605 A.C.

"No 'décimo mês' (IV Reis 25-1) do mesmo ano de 588 A.C. — era 'o nono ano' do rei Sedecias — Nabucodonosor chegou de Babilônia com um exército poderoso. As forças punitivas avançaram com a rapidez do raio contra Judá rebelado. . . [p. 246]

"Durante dezoito meses Jerusalém foi sitiada e heroicamente defendida. 'E a cidade ficou fechada e circunvalada até ao undécimo ano do rei Sedecias' (IV Reis 25-2)." [p. 248].

Obs.: Se o 9.º ano de Sedecias (Zedequias) foi 588, o seu 11.º ano correspondia a 568.

6. Outras obras abalizadas (e muito citadas pela "Sociedade") que confirmam a data 586 A.C. como a da desolação de Jerusalém pelos babilônios: *The Enciclopedia Britannica* (vb. "Jews" — Vol. 13, p. 48); *The International Standard Bible Encyclopaedia* (vb. "Temple", Vol. V, p. 2934); *Dictionary of the Bible*, W. Smith, pp. 445 e 768 (s/ Nabucodonosor, e Zedequias, respectivamente); *The New Schaff-Herzog Enciclopedia of Religious Knowledge*, Vol. XII, p. 501 (s/ Zedequias); *Collier's Enciclopedia* (s/ Nabucodonosor — Vol. 17, p. 270); C. W. Ceram, *Deuses, Túmulos e Sábios*, p. 384. (Ver também *Harper's Bible Dictionary* e *Dicionário da Bíblia* de John Davis.

Passagens Sobre o Cativo Explicadas:

1. Jeremias 25:11 e 12.

A) O texto simplesmente diz que as nações serviriam, por 70 anos, ao rei de Babilônia. "Servir" não implica necessariamente uma deportação e desolação da terra durante 70 anos (ver Jer. 27:8 e 11).

B) Comparando-se Jer. 25:1 e 27:3 percebe-se que a recomendação do profeta no cap. 27 foi feita depois do que consta no capítulo 25. As nações continuariam servindo ao rei de Babilônia sem serem afastadas de seus territórios.

C) Que Jerusalém não precisava estar em ruínas para que se cumprisse a profecia de servidão sob Babilônia, torna-se evidente por Jer. 27:16 a 22.

D) Em II Reis 24:1, no tempo da primeira invasão de Nabucodonosor em 605, já o rei de Judá teve de servir ao rei de Babilônia (ver Jer. 25:1; Dan. 1:1, 2; II Crôn. 36:7).

2. Jeremias 29:10.

A) O capítulo começa informando (vs. 1 a 4) que o profeta enviou uma carta aos cativos já em Babilônia,

e nela se mencionam indivíduos levados para lá em cativeiro na primeira investida de Nabucodonosor; antes, pois, da destruição de Jerusalém em 586 A.C.

B) Ao que parece, alguns estavam querendo livrar-se logo do cativeiro (vs. 8 e 9). O profeta, porém, lhes escreve reassegurando a duração do mesmo como sendo de 70 anos (v. 10). Deveriam ter paciência e esperar, conforme a Palavra do Senhor.

C) Evidentemente a carta foi enviada como confirmação das profecias anteriores (cap. 25:11, 12) e a dedução lógica é que o período de 70 anos já havia começado quando do seu envio.

D) Embora não esteja datada com precisão, a carta foi enviada quando Zedequias ainda ocupava o trono (v. 3). Portanto, em período anterior à destruição de Jerusalém em 586 A. C.

3. Daniel 9:2.

A) É aos escritos de Jeremias, discutidos acima, que a referência de Daniel se aplica.

B) É significativo que Daniel (que fora levado em cativeiro na 1.^a invasão de Nabucodonosor, 605 A. C.) se refira às “assolações”, portanto usando o plural. Isso só pode referir-se às múltiplas investidas contra a cidade (II Reis 24:1-3, 12-17; 25:8-10; Jer. 52:30).

C) A palavra “assolação”, no hebraico, refere-se “àquilo que foi destruído em guerra, ou negligenciado” (cf. *Kitto's Cyclopaedia of Biblical Literature*, ver Deserto). Após progressivas desolações do território e da cidade pelas invasões de Nabucodonosor, na primeira metade de seu reinado, as “assolações” foram completadas por posterior abandono da região durante uns cinquenta anos.

Obs.: O próprio contexto do trecho de E A Bíblia Tinha Razão, citado em Certificai-vos de

Todas as Coisas, p. 140, demonstra que o período de cativeiro referido deve ser considerado a partir de 587/586:

“É compreensível que, cinquenta anos depois da deportação, nem todos aproveitassem a licença de voltar à terra de seus pais. Era uma empresa arrojada...” — *Op. Cit.*, p. 264.

D) Os setenta anos, portanto, cumpriram, ou completaram, “as assolações de Jerusalém”.

4. II Crônicas 36:21.

A) As palavras de Jeremias são, novamente, a base para compreender-se o texto. Já vimos que Jeremias não confirma a tese de que os 70 anos seriam de completa desolação. O cronista não iria contradizer o profeta.

B) O texto na versão Almeida fala que a terra repousaria até que se agradasse dos seus sábados. Tenha-se em mente que a transgressão do sábado foi um dos fatores para o castigo do cativeiro (cf. Jer. 17:19-27).

C) A passagem diz que a terra repousou por ocasião de sua desolação. Isso, porém, não implica que tal desolação seja de 70 anos (ver s/ Jer. 25:11 e 12). A servidão (tributo, cativeiros, etc.) durou, sim, 70 anos, mas a desolação da terra, entre 586 a 537/6, estava incluída dentro desse período.

5. Interpretação judaica dos 70 anos de cativeiro:

“Enquanto os eventos que acabamos de descrever ocorriam na Judéia, os exilados levados por Nabucodonosor estabeleciam-se na Babilônia. Quando lá chegaram, já encontraram dois outros grupos de hebreus. Um era constituído de seus amigos íntimos e parentes: era o grupo que os babilônios tinham levado para o exílio no ano 597 A. E. C., onde anos antes da destruição total de Jerusalém”. — Salomon Grayze, *História Geral dos Judeus* (Biblioteca de Cultura Judaica), p. 57.

“No ano 516 o modesto Templo foi terminado. Tinham-se passado exatamente setenta anos desde que o Primeiro Templo fora destruído e cerca de vinte e um anos desde que o primeiro grupo de exilados retornara da Babilônia. Deve-se notar que os judeus continuam a contar setenta anos de Exílio babilônico, pois consideraram a reedificação do Templo destruído, e não o Edito de Ciro, como o evento que determinou o fim do Exílio”. — *Ibid.*, p. 62.

"*Desterro* — (heb. *galut*). Tomado em sentido mais nacional que individual, aplica-se, tal termo, ao exílio babilônio que durou desde a destruição do Estado da Judéia em 586 A. E. C. por Nabucodonosor, até 538, em que Ciro autorizou o regresso dos judeus a Jerusalém, e em segundo lugar o exílio romano. . . .

"A tradição judaica conta às vezes a emigração de Jacó e seus filhos ao Egito como o primeiro exílio e considera que o segundo, ou babilônio, durou de 586 a 516 A. E. C., ou seja, até a reconstrução do Templo.

"A deportação babilônia realizou-se paulatinamente. O primeiro grupo de desterrados se compunha do infeliz rei Jeoaquim, sua família, sua corte, 7000 soldados escolhidos e mil artesãos (597). Em consequência de certas desordens, também os sacerdotes foram levados a Babilônia. A destruição de Jerusalém em 586 foi seguida da deportação de 40.000". — *Enciclopédia Judaica Castelhana*, Vol. 3, pp. 463 e 464 (cidade do México, 1948).

Obs.: Segundo tais opiniões, portanto, o Templo, centro da vida religiosa judaica, definia o período de cativo. Enquanto desolado, representava a própria desolação nacional.

6. Os 70 anos de cativo segundo o Prof. E. R. Thiele (citado como autoridade em *Cronologia Bíblica* no número de 8/11/1972, pp. 27 e 28, da revista *Desperta!*)

A) A desolação do Templo não teve lugar numa simples e grande destruição. Igualmente, a sua restauração e o retorno dos judeus não se deram num único momento, mas transcorreram durante vários anos, a partir do decreto de Ciro em 537 A. C.

B) Jeremias profetizou por duas vezes um período de 70 anos de cativo.

Obs.: a) Sua primeira predição ligava-se ao começo da regência de Nabucodonosor em 605 A. C. (Jer. 25:1, 11, 12).

b) A segunda foi dada durante a regência de Zedequias, pouco antes da desolação de Jerusalém em 586, quando muitos, já estavam cativos em Babilônia, deportados em 605 ou 597 A. C. (Jer. 29:1-10).

C) A oração de Daniel dizia respeito fundamentalmente ao Templo que jazia desolado desde 586 A. C. (Dan. 9:17).

D) Em 537 A. C., quando os judeus retornaram após o decreto de Ciro,

os fundamentos do Templo não haviam sido lançados (Esd. 1:1-3, 7-11 e 3:6).

Obs.: Somente no 2.º ano de seu retorno é que os judeus empreenderam a obra de restauração. Isto seria 535 A. C.

E) A obra só foi concluída no 6.º ano de Dario (Esd. 6:15) em 516, 70 anos após sua destruição em 586 A. C.

Obs.: Confirmação da data 516 A. C. para restauração do Templo pela própria Torre de Vigia: ver Toda Escritura é Inspirada por Deus e Provetosa, p. 83, § 10.

7. CONCLUSÕES:

A) Por uma questão de coerência, se certas autoridades em História são repetidamente citadas para confirmar certas datas, deverão ser aceitas quando assinalam outras datas próximas a tais.

B) Decorreram exatamente 70 anos desde o começo da desolação do templo por Nabucodonosor em 605, até o começo de sua restauração em 536/5 (Dan. 1:1; II Crôn. 36:5-7, cf. Esd. 3:8-12).

C) Houve também exatamente 70 anos desde a completa destruição do Templo em 586 A. C. por Nabucodonosor, até sua completa reedificação em 516 A. C. (II Reis 25:8-11, cf. Esd. 6:15).

D) Logo, o período de cativo deve ser datado primariamente desde o 1.º ano de Nabucodonosor, quando de sua primeira invasão a Judá (605 A. C.), e não quando em seu 19.º ano destruiu Jerusalém. Não obstante, a 2.ª data (586 A. C.) também é válida para uma consideração do cativo cessando na restauração do Templo, conforme a tradição judaica e as conclusões do Prof. E. R. Thiele, indiscutível autoridade no assunto.

Obs.: Integra do artigo em que o ilustre autor adventista, Edwin R. Thiele, expõe documentadamente tais pontos de vista em O Atalaia de agosto de 1975.

Decálogo

Para

os

Pais

Micael Daves

AS mães não são deuses, ou deusas. Temo que os cristãos, por certo inconscientemente, tenham tomado dos antigos gregos o costume de adorar as mães. Vemos que muitos transformam o Dia das Mães numa ocasião carregada de sentimentalismo, em que se convertem as mães em semi-deusas. Tal idealização não honra as mães, já que é uma mentira piedosa.

Pouco a pouco estamos nos tornando mais realistas em nossa celebração, ao reconhecer que o Dia das Mães é uma festa familiar; a mãe vive em interdependência com os demais membros da família. Sua singular posição reclama reconhecimento e honra, mas o fundamento é a unidade familiar. O Dia das Mães não só é uma oportunidade para que se saúdem as mães do passado e do presente, mas é também uma ocasião para considerarem as responsabilidades dos pais, que tocam aspectos fundamentais da vida familiar.

1. *Começarás Educando-te a ti Mesmo*

Estava eu em visita ao diretor de uma escola quando entrou uma professora. Um menino em sua classe de primeiro grau havia dito a uma colega uma palavra má. Ao corrigi-lo, ele pareceu desconcertado e disse: "Mas minha mãe diz essa palavra todo o tempo?" Os pais que pretendem ensinar a

seus filhos bons costumes sem que eles mesmos os pratiquem, estão travando uma batalha perdida de antemão. As crianças não aprendem meramente pelo que se lhes diz; aprendem o que se lhes mostra; o exemplo produz as impressões mais profundas e duradouras. As crianças são capazes de detectar o fingimento e a insinceridade. Não espere que seu filho seja melhor do que você é.

2. *Mostrar-te-ás Mais Interessado em Teus Filhos do que em Regras*

A lei não é a última palavra da vida. Jesus cria que as leis deviam basear-se no que é bom para o homem. Se uma lei não ajuda o homem a desenvolver-se plenamente, em harmonia com o que Deus planejou para ele, é uma lei má, e devia ser mudada. O mesmo sucede com a família; todas as regras deviam submeter-se a esta pergunta: "Esta regra ajuda a criança a cultivar uma relação satisfatória com Deus e com o próximo?" Os pais necessitam interessar-se mais em fomentar relações saudáveis entre eles e seus filhos. Se a criança sabe que é amada e respeitada como pessoa, é menos provável que se rebele contra as normas morais. A criança que está insegura de ser amada quebra as regras, porque se sente depreciada e reage com hostilidade.

3. *Partilharás Tua Fé*

Quantos pais não têm esquecido este mandamento! Cabe-lhes a responsabilidade básica de prover educação religiosa. Esta é uma responsabilidade intransferível. Um humorista disse: "Um grama de mãe vale mais do que um quilo de clérigo". A igreja apenas pode ajudar os pais, nunca substituí-los. Nenhuma quantidade de estudo da Bíblia na escola da igreja pode substituir o estudo que se faça deste Livro no lar. O mesmo pode dizer-se da oração e do culto de adoração. Se a fé cristã não for real na família, não o será em parte alguma.

4. *Aprenderás a Escutar*

Escutar é uma arte. Achemos sempre ser mais fácil falar. Escutar outra pessoa significa reconhecer o seu valor como pessoa, respeitá-la e procurar compreender o seu ponto de vista. Só podemos conhecer outra

pessoa na medida em que a escutamos. Uma queixa comum dos adolescentes, é: "Meus pais nunca me escutam". Por meio do amor que sabe escutar poderia ser coberto o abismo de gerações que separa dos filhos os seus pais.

5. *Dedicarás Tempo a Teus Filhos*

Certa vez a esposa de um ministro religioso depositou na sacola de ofertas um bilhete em que pedia uma visita do Pastor: seu próprio esposo! Em nossa cultura de incessante movimento, é cada vez mais difícil deter-se e desfrutar a vida como uma família. Mas devemos fazer um esforço para tanto. As crianças necessitam de seus pais para brincar com eles, para ler-lhes diferentes livros, que os levem a passeios ou façam caminhadas com eles. Os anos passam rapidamente, e as oportunidades para estar em família, juntos, logo ficarão no passado. Aproveitem os pais todas as ocasiões para partilhar com os filhos momentos de lazer.

6. *Reconhecerás Teus Pecados Como Pai ou Mãe*

Nunca conseguiremos fazer tudo que é necessário, seja por nós mesmos ou por nossos filhos. A família depende da graça de Deus para sua existência. Os pais que se negam a admitir seus pecados, terminam sempre por repreender os filhos ou culpá-los pelas insuficiências deles, os pais. O Dr. Reuel L. Howe conta de um grupo de pais que haviam chegado à conclusão de que seus filhos necessitavam mais amor do que lhes podiam dar. Enfrentaram sua insuficiência e, milagre dos milagres, a vida familiar mudou.

7. *Manterás Teu Senso de Humor*

Nossa família estava assistindo a um programa no televisor. A protagonista narra um chiste divertido, e minha esposa e eu começamos a rir. Nosso filho pequeno, que nada entendia em seus três anos de idade, achou que nosso riso era divertido, e assim começou ele também a rir. Logo estávamos rindo de nosso próprio riso. Não nos leve-

mos demasiado a sério. Precisamos aprender a rir de nossos erros e limitações. O riso alivia a angústia reprimida e elimina a hostilidade.

8. *Amarás a Todos os Filhos por Igual*

Não há nenhuma criança igual ao primogênito, ou ao segundo ou ao terceiro. Cada um tem sua própria personalidade: Extrovertida, brilhante, apagada. Não se deve comparar uma criança com outra. Ela deve ser amada pelo que é, não pelo que esperamos que ela chegue a ser. Um bom pai ama apesar das imperfeições. Em favor de cada criança seja esta nossa oração: "Graças a Deus, o Criador, por este dom todo especial que me concede".

9. *Usarás a Disciplina*

Um agudo observador da família norte-americana disse que a respectiva cultura está centrada na criança. Em vez de os pais disciplinarem seus filhos, os filhos disciplinam os pais! A disciplina pode incluir castigo, mas não devemos pensar que este tenha um caráter antes de tudo negativo. A disciplina deve proporcionar uma estrutura para o desenvolvimento da criança, o que incluirá a proteção e a orientação. Haverá muitos "Sim" (aprovação da conduta construtiva) e também muitos "Não" (desaprovação da conduta destrutiva). A disciplina está estreitamente relacionada com o amor e a aceitação.

10. *Saberás Quando Deixá-los Ir*

Este é o último mandamento, mas não o último em importância. Os pais desejam naturalmente sentir-se necessários tanto tempo quanto seja possível. Este desejo faz que se tornem superprotetores de seus filhos. Estar preso ao avental da mamãe é como ter um laço em torno do pescoço. Os bons pais aceitam a mudança de seu papel, e desejam que seus filhos se vejam livres da dependência emocional com respeito a seus progenitores. Nada é mais patético do que um adulto que age como criança porque seus pais não tiveram a sabedoria de deixá-lo ir.

OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA



V. Tentado em Todos os Pontos

Cristo somente teve experiência de todas as tristezas e tentações que recaem sobre os seres humanos. Jamais algum outro nascido de mulher foi tão terrivelmente assediado pela tentação; jamais algum outro arrostou com o fardo tão pesado dos pecados e das dores do mundo. Nunca houve algum outro cujas simpatias fossem tão amplas e ternas. Como participante em todas as experiências da humanidade, Ele podia não somente condoer-Se dos que se acham sobrecarregados, tentados e em lutas, mas partilhar-lhes os sofrimentos. — Educação, p. 78.

Deus estava em Cristo em forma humana, e suportou todas as tentações que perseguem o homem; em nosso favor *Ele participou dos sofrimentos e provas da aflita natureza humana. — The Watchman, 10-12-1907.*

Ele foi “tentado em todas as coisas, à nossa semelhança”. Satanás estava a postos, para atacá-Lo a cada passo, lançando-Lhe as mais ferozes tentações; todavia, Ele “não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em Sua boca”. Ele “sofreu, tendo sido tentado”, *sofreu em proporção à perfeição de Sua santidade. Mas o príncipe das trevas nada achou nEle; nem um único pensamento ou sentimento respondia à tentação. — Testimonies, Vol. 5, p. 422.*

Oxalá compreendêssemos o sentido das palavras: “Cristo sofreu, tendo sido tentado”. Conquanto fosse livre de toda mancha do pecado, a delicada sensibilidade de Sua santa natureza tornavam-Lhe o contato com o mal indizivelmente doloroso. Contudo, arcando ao peso da natureza humana, defrontou o arqu-apóstata face a face, e sozinho resistiu ao adversário de Seu trono. *Nem*

mesmo por um pensamento pôde Cristo ser levado a ceder ao poder da tentação. Satanás descobre nos corações humanos algum ponto onde pode firmar pé: algum desejo pecaminoso acariciado, por meio do qual suas tentações firmam seu poder. Mas Cristo declarou de Si mesmo: “Vem o príncipe do mundo; e ele nada tem em Mim”. As tempestades da tentação desabaram sobre Ele, mas não conseguiram levá-Lo a desviar-Se de Sua fidelidade a Deus. — The Review and Herald, 8-11-1887.

Percebo que há perigo em tratar de assuntos que falam da humanidade do Filho do Deus infinito. Humilhou-Se Ele quando Se viu em forma de homem, a fim de que pudesse compreender a força de todas as tentações que assaltam ao homem. (...) *Em nem uma única ocasião atendeu Ele a suas múltiplas tentações. Vez nenhuma Cristo passou para o terreno de Satanás para lhe conceder qualquer vantagem. Satanás nEle nada encontrou que o animasse em seus ataques. — The SDA Bible Commentary, Vol. 5, p. 1129.*

Pretendem muitos que era impossível Cristo ser vencido pela tentação. Neste caso, não teria sido colocado na posição de Adão; não poderia haver obtido a vitória que aquele deixara de alcançar. Se tivéssemos, em certo sentido, um mais probante conflito do que teve Cristo, então Ele não estaria habilitado a nos socorrer. *Mas nosso Salvador revestiu-Se da humanidade com todas as contingências da mesma. Tomou a natureza do homem com a possibilidade de ceder à tentação. Não temos de suportar coisa nenhuma que Ele não tenha sofrido. (...) Cristo venceu em favor do homem, pela resistência à severíssima prova. Exerceu, por amor de*

nós, um domínio de Si mesmo mais forte que a fome e a morte. — *O Desejado de Todas as Nações*, pp. 82 e 83.

VI. Carregou com o Pecado e a Culpa Imputados ao Mundo

Cristo arcou com a culpa dos pecados do mundo. Nossa suficiência encontra-se tão somente na encarnação e morte do Filho de Deus. (...) Ele pôde resistir porque não apresentava uma mancha de deslealdade ou pecado. — *The Youth's Instructor*, 4-8-1898.

[Cristo] tomou a natureza humana, e arrostou as fraquezas e degeneração do gênero humano. — *The Review and Herald*, 28-7-1874.

Teria sido uma quase infinita humilhação para o Filho de Deus, revestir-Se da natureza humana mesmo quando Adão permanecia em seu estado de inocência, no Éden. Mas Jesus aceitou a humanidade quando a raça havia sido enfraquecida por quatro mil anos de pecado. Como qualquer filho de Adão, aceitou os resultados da operação da grande lei da hereditariedade. O que estes resultados foram, manifesta-se na história de Seus ancestrais terrestres. Veio com essa hereditariedade para partilhar de nossas dores e tentações, e dar-nos o exemplo de uma vida impecável.

Satanás aborrecera a Cristo no Céu, por causa de Sua posição nas cortes de Deus. Mais O aborreceu ainda quando se sentiu ele próprio destronado. Odiou Aquele que Se empenhou em redimir uma raça de pecadores. Não obstante, ao mundo em que Satanás pretendia domínio, permitiu Deus que viesse Seu Filho, impotente criança, sujeito às fraquezas da humanidade. Permitiu que enfrentasse os perigos da vida em comum com toda alma humana, combatesse o combate como qualquer filho da humanidade o tem de fazer, com risco de fracasso e ruína eterna. — *O Desejado de Todas as Nações*, pp. 33 e 34.

Maravilhosa combinação entre o homem e Deus! Ele podia ter ajudado Sua natureza humana a resistir às incursões da doença, fazendo dimanar de Sua natureza divina, para a humana, vitalidade e vigor perene. Mas humilhou-Se, baixando à natureza humana. (...) Deus tornou-Se homem! — *The Review and Herald*, 4-9-1900.

Cristo devia redimir, em nossa humanidade, a falha de Adão. Quando este fora vencido pelo tentador, entretanto, não tinha sobre si nenhum dos efeitos do pecado. Encontrava-se na pujança da perfeita varonilidade, possuindo o pleno vigor da mente e do corpo. Achava-se circundado pelas glórias do Éden, e em comunicação diária com seres celestiais. Não assim quanto a Jesus, quando penetrou no deserto para medir-Se com Satanás. Por quatro mil anos estivera a raça a decrescer em forças físicas, vigor mental e valor moral; e Cristo tomou sobre Si as fraquezas da humanidade degenerada. Unicamente assim podia salvar o homem das profundezas de sua degradação. — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 82.

Revestido das roupagens da humanidade, o Filho de Deus desceu ao nível daqueles a quem desejava salvar. NEle não havia o engano do pecado; era sempre puro e imaculado; no entanto tomou sobre Si nossa natureza pecaminosa. Revestindo de humanidade Sua divindade, para que Se pudesse associar com a humanidade caída, procurou reaver para o homem aquilo que, pela desobediência, Adão perdera para si e para o mundo. Em Seu próprio caráter expôs Ele ao mundo o caráter de Deus. — *The Review and Herald*, 15-12-1896.

Ele por amor de nós pôs de lado Suas vestes reais, desceu do trono do Céu, e descendeu em revestir de humildade Sua divindade, e tornou-Se semelhante a um de nós, mas sem pecado, para que Sua vida e caráter servissem de modelo para ser imitado por todos, a fim de que tivessem o precioso dom da vida eterna. — *The Youth's Instructor*, 20-10-1886.

Ele nasceu sem uma mancha de pecado, mas veio ao mundo da mesma forma que a família humana. — Carta 97, 1898.

Inocente e incontaminado andava Ele entre os irrefletidos, os rudes, os descorteses. — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 63.

Cristo, que desconhecia a menor mancha de pecado ou contaminação, tomou nossa natureza em seu estado deteriorado. Isto foi uma humilhação tão grande que o finito homem não compreende. Deus Se manifestou na carne. Humilhou-Se. Que assunto para reflexão, para contemplação profunda, fervorosa! Tão infinitamente grande que Ele era a Majestade dos Céus, e no entanto Se

rebaixou tanto, sem perder um átomo de Sua dignidade e glória! *Desceu à pobreza e à mais profunda humilhação entre os homens.* — *The Signs of the Times*, 9-6-1898.

Não obstante os pecados de um mundo criminoso serem postos sobre Cristo, não obstante a *humilhação de tomar sobre Si nossa decaída natureza*, a voz do Céu declarou ser Ele o *Filho do Eterno.* — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 78.

Embora não tivesse em Seu caráter *uma mancha de pecado*, consentiu em *ligar nossa caída natureza humana à Sua divindade.* Assumindo assim a humanidade, honrou Ele a humanidade. Assumindo nossa natureza caída, mostrou o que poderia ela tornar-se, aceitando as amplas providências por Ele tomadas, e tornando-se participante da natureza divina. — *Instruções Especiais Relativas ao Escritório da Review and Herald, e à Obra em Battle Creek*, 26-5-1896, p. 13.

Ele [Paulo] dirige a mente primeiro à posição que Cristo ocupava no Céu, no seio de Seu Pai; revela-O depois como desvestindo-Se de Sua glória, *sujeitando-Se voluntariamente a todas as humilhantes condições da natureza humana, assumindo as responsabilidades de servo*, e sendo obediente até à morte — e esta, a mais ignominiosa e revoltante, a mais vergonhosa, a mais agonizante — morte de cruz. — *Testimonies*, Vol. 4, p. 458.

Os anjos prostraram-se diante dEle. Ofereceram suas vidas. Jesus lhes disse que por Sua morte salvaria a muitos; que a vida de um anjo não poderia pagar a dívida. Sua vida unicamente poderia ser aceita por Seu Pai como resgate pelo homem. Jesus também lhes disse que teriam uma parte a desempenhar — estar com Ele, e O fortalecer em várias ocasiões. Que Ele tomaria a natureza decaída do homem, e Sua força não seria nem mesmo igual à deles. E seriam testemunhas de Sua *humilhação e grandes sofrimentos.* — *Primeiros Escritos*, p. 150.

Em meio à impureza, Cristo manteve a pureza. Satanás não a pôde manchar nem corromper. Seu caráter revelou perfeito ódio ao pecado. Foi Sua *santidade* o que *instigava contra Ele toda a paixão de um mundo dissoluto*; pois, *por Sua vida perfeita lançou ao mundo uma perpétua exprobração*, tornando manifesto o contraste entre a trans-

gressão e a pura, imaculada justiça de *Alguém que não conhecia pecado.* — *The SDA Bible Commentary*, Vol. 5, p. 1142.

VII. A Perfeita Pureza da Natureza Humana de Cristo

Não devemos ter dúvidas quanto à perfeita pureza da natureza humana de Cristo. Nossa fé tem de ser uma fé inteligente, olhando para Jesus com confiança perfeita, com plena e inteira fé no sacrifício expiatório. Isto é necessário, para que a alma não seja envolta em trevas. Este *santo substituto* é capaz de salvar totalmente, pois apresentou ao Universo maravilhado, em Seu caráter humano, *uma perfeita e completa humildade, e perfeita obediência a todas as reivindicações divinas.* — *The Signs of the Times*, 9-6-1898.

Com Seu braço humano, Cristo enlaçou a raça humana, enquanto com Seu braço divino, alcançou o trono do Infinito, unindo ao infinito Deus o homem finito. Lançou uma ponte através do abismo que o pecado rasgara, ligando a Terra ao Céu. *Em Sua natureza humana manteve Ele a pureza de Seu caráter divino.* — *The Youth's Instructor*, 2-6-1898.

Ele era *incontaminado pela corrupção, estranho ao pecado*; todavia orava, e isto muitas vezes, com forte clamor e lágrimas. Orava por Seus discípulos e por Si mesmo, *identificando-Se assim com as nossas necessidades, nossas fraquezas e deficiências*, tão comuns à humanidade. Era Ele um suplicante poderoso, *não possuindo as paixões de nossa caída natureza humana*, mas compadecido de semelhantes fraquezas, tentado em todos os pontos como nós o somos. Jesus sofreu agonias que precisavam de auxílio e apoio do Pai. — *Testimonies*, Vol. 2, p. 508.

Ele é um *irmão em nossas fraquezas, mas não possuindo as mesmas paixões.* Sendo *sem pecado, Sua natureza recuava do mal.* Sofreu lutas e tortura de alma num mundo de pecado. Sua humanidade tornava a oração uma necessidade e privilégio. Ele precisava do forte apoio e conforto divinos que o Pai estava disposto a Lhe comunicar, a Ele que, em benefício do homem, deixara a felicidade do Céu, preferindo habitar num mundo frio e ingrato. — *Ibidem.*

Sua doutrina gotejava qual chuva; Suas palavras destilavam como orvalho. No caráter de Cristo uniam-se uma majestade qual nunca fora por Deus revelada ao homem caído, e uma mansidão que o homem jamais adquirira. *Nunca dantes andara entre os homens alguém tão nobre, tão puro, tão benevolente, tão côncio de Sua natureza divina, e no entanto tão simples, tão possuído de planos e propósitos de fazer bem à humanidade.* Conquanto aborrecesse o pecado, chorava Ele, compadecido do pecador. Não Se agradava a Si mesmo. A Majestade do Céu revestiu-Se da humildade de uma criança. Tal é o caráter de Cristo. — *Idem*, Vol. 5, p. 422.

A vida de Jesus estava em harmonia com Deus. Enquanto criança, pensava e falava como criança; mas *nenhum traço de pecado desfigurava nEle a imagem divina.* Não ficou, no entanto, isento de tentação. (...) Jesus foi colocado num lugar em que Seu caráter devia ser provado. Era-Lhe necessário estar *sempre em guarda, a fim de conservar Sua pureza.* Estava sujeito a todos os conflitos que nós outros temos de enfrentar, para que nos pudesse servir de exemplo na infância, na juventude, na idade varonil.— *O Desejado de Todas as Nações*, p. 71.

Tomando sobre Si a natureza humana em seu estado decaído, Cristo não participou, no mínimo que fosse, de seu pecado. Era sujeito às enfermidades e fraquezas que si-tiam o homem, “para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías, que diz: Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades, e levou as nossas doenças”. Ele Se compadeceu das nossas fraquezas, e em tudo foi tentado, como nós o somos. E no entanto “*não cometeu pecado*”. Era o Cordeiro “*imaculado e incontaminado*”. (...) Não devemos ter *dúvidas quanto à perfeita pureza da natureza humana de Cristo.* — *The Signs of the Times*, 9-6-1898.

Cristo, apenas, podia abrir o caminho, fazendo uma oferta à altura das reivindicações da lei divina. *Ele era perfeito, e incontaminado pelo pecado. Era sem defeito e sem mácula.* A extensão das terríveis conseqüências do pecado nunca se teria tornado conhecida, não fosse de valor infinito o remédio provido. A salvação do homem caído foi conseguida a tão imenso custo que os anjos se maravilharam, não podendo com-

prender plenamente o mistério divino de que a Majestade do Céu, igual a Deus, morresse em favor da raça rebelde. — *The Spirit of Prophecy*, Vol. 2, pp. 11 e 12.

O mesmo se dá quanto à lepra do pecado — profundamente arraigada, mortal e impossível de ser purificada por poder humano. “Toda a cabeça está enferma e todo o coração fraco. Desde a planta do pé até à cabeça não há nele coisa sã, senão feridas, e inchaços, e chagas podres”. Isa. 1: 5 e 6. Mas *Jesus, vindo habitar na humanidade, não recebe nenhuma contaminação.* Sua presença tem virtude que cura o pecador. — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 193.

Jesus contemplou um momento a cena: a trêmula vítima em sua vergonha, os mal encarados dignitários, destituídos da própria simpatia humana. *Seu espírito de imaculada pureza recuou do espetáculo.* Bem sabia para que fim Lhe fora levado esse caso. Lia o coração, e conhecia o caráter e a história da vida de cada um dos que se achavam em Sua presença. (...) Os acusadores haviam sido derrotados. Então, rotas as vestes da pretendida santidade, ficaram, culpados e condenados, *em presença da infinita Pureza.* — *Idem*, p. 346.

VIII. Cristo Retém Para Sempre a Natureza Humana

Baixando a tomar sobre Si a humanidade, Cristo revelou um caráter exatamente oposto ao de Satanás. (...) *Ao tomar a nossa natureza, o Salvador ligou-Se à humanidade por um laço que jamais se partirá. Ele nos estará ligado por toda a eternidade.* “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito”. Não O deu somente para levar os nossos pecados e morrer em sacrifício por nós; *deu-O à raça caída.* Para nos assegurar Seu imutável conselho de paz, Deus deu Seu Filho unigênito a fim de que Se tornasse membro da família humana, *retendo para sempre nossa natureza.* Esse é o penhor de que Deus cumprirá Sua palavra. “Um Menino *nos* nasceu, um Filho se *nos* deu; e o principado está sobre os Seus ombros”. Deus adotou a natureza humana na pessoa de Seu Filho, *levando a mesma ao mais alto Céu.* — *Idem*, p. 17.

Viena, Áustria

(Continuação da p. 3)

do que tudo isto e que trará como resultado o fortalecimento de cada aspecto da obra, é o derramamento do Espírito Santo, a queda da chuva serôdia. O povo adventista em Viena estará ouvindo sermões poderosos, nos quais a tônica será esta; estará recebendo instrução e inspiração; buscará de coração ao Senhor, não para *continuar* realizando a obra, mas para *terminá-la*.

“Não deveríamos estar ainda aqui”, escreveu o Pastor Pierson, logo depois do Congresso de Atlantic City em 1970. “Mas o fato é que ainda estamos aqui. Algo deve suceder conosco. Não podemos continuar nossas rotineiras idas e vindas semanais à igreja, carregando nossos pecadinhos, nossos cuidados, nosso egoísmo, nossas impurezas, nossa tibieza, cuidadosamente ocultos nas dobras de nosso coração, sentarmo-nos ali e ouvir um sermão — às vezes cheio do Espírito, às vezes desalentadoramente vazios e ineficazes — saudar em seguida o Pastor à porta para regressar levando nossos pecados, nossos cuidados, nosso egoísmo, nossas impurezas e nossa tibieza para dar início a uma nova semana de inutilidade. Algo deve mudar em nós! Não podemos avançar na mesma velha forma, com a mesma velha apatia, pronunciando mecanicamente as mesmas velhas frases, experimentando as mesmas velhas frustrações”. — *RH*, 23 de julho de 1970, p. 5.

Sim, algo deve mudar. Somos um povo abençoado com uma mensagem gloriosa, com instruções divinas para a marcha, mas continuamos sendo um povo composto e dirigido por homens e mulheres com limitações humanas.

Esse algo que deve suceder talvez seja uma disposição para ver o que está mal e corrigir, não só lamentar. Se algo não está bem na igreja, na Associação, na União, na Divisão ou na Associação Geral, nada ganhamos com lamentá-los. É preciso enfrentar corajosamente e com amor, e mudar. Como igreja travamos a

permanente batalha da tradição, da herança, da continuidade, contra a renovação, a adaptação de formas às circunstâncias ou realidades atuais. Os princípios não podem nem devem mudar, mas as formas são passíveis de mudança e renovação. E essa renovação equivale a desfazer o que tenha sido aplicado no passado, já que não se aplica no presente. De outro modo, estaremos falando ao mundo em “língua desconhecida”.

Você, que vai a Viena, ore para que a igreja saia dali revitalizada. Faça sua parte para que isto seja alcançado. Você que acompanhará a sua igreja em sessão, embora à distância, ore para que Viena seja lembrada como o grande congresso da renovação da igreja. — *Rubén Pereyra*

Deus e a Igreja . . .

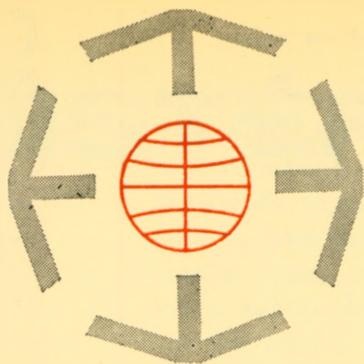
(Continuação da pág. 6)

O Pastor Mukotsi é um chefe no mais correto sentido do termo. É um líder dinâmico. Durante os dias negros de lutas e embates políticos no Congo (agora Zaire), o Pastor Mukotsi Mbyirukira se pôs à frente de seus obreiros, como presidente que era da parte oriental do Congo.

Com as balas voando sobre ele, o irmão Mukotsi enviou uma circular a seus obreiros, dizendo: “Não faleis de problemas! Não faleis de problemas em lugar algum, com pessoa alguma, em nenhuma circunstância! Falai de esperança! Falai de fé! Falai de coragem!”

O Pastor Mukotsi é um moderno Calebe! Que Deus o abençoe, Pastor Mbyirukira! Que o seu trabalho progrida!

Visto que sois líderes, que liderais pessoas, esforçai-vos “pelo nosso povo”! Sede homens do Livro, homens de fé, homens de oração, homens de ação — e acima de tudo, homens de Deus! Sede líderes capazes de arregimentar os membros da igreja para a obra, unindo os seus esforços com os dos obreiros e oficiais da igreja — e então louva a Deus, pois a obra poderá ser terminada nesta geração!



Posição do Metodismo a Favor do Divórcio

Em claro pronunciamento seguido de considerandos, a Igreja Metodista do Brasil, achando que o desquite tem sido solução inadequada e insatisfatória, proclama: "Declaramos que a Igreja Metodista, embora reconhecendo a outros credos religiosos o direito de legislar para seus fiéis e deles exigir o cumprimento, reafirma a urgente necessidade de uma legislação civil que, respeitada a ética cristã, solucione o problema dos lares desfeitos, com a possibilidade de novo casamento, e insta o governo para que tome as providências cabíveis nesta direção".

Almanaque Religioso na Rússia

O patriarca ortodoxo de Moscou publicou um almanaque para 1975, com pensamentos para meditação em cada dia do ano, e indicações das festas religiosas da igreja ortodoxa.

Bom Socialista e Bom Católico

Quase 70 por cento de todos os italianos, e 78 por cento de mulheres italianas, crêem que é possível ser "bom socialista e bom católico" ao mesmo tempo. Quarenta e quatro por cento da população adulta italiana consideram que "fé no marxismo e na igreja católica" são absolutamente compatíveis. Esta surpreendente posição foi revelada em recente pesquisa dirigida por uma entidade digna de todo respeito, o Instituto Doxa.

Ensino Religioso Ecumênico nas Escolas

Numa escola do Canadá, crianças católicas e protestantes estão estudando a Bíblia juntas no curso primário, sob a direção de professores protestantes e católicos.

No Brasil, em Santa Catarina, o governo do Estado acaba de editar um livro para ensino da religião nas escolas de primeiro grau, elaborado por comissão ecumênica composta de padres e pastores protestantes. Com esse compêndio oficial, nada impede que professores católicos ou protestantes ensinem religião a alunos do outro credo.

Relacionamento Ecumênico Católico-judeu-muçulmano

Duas novas comissões foram criadas no Vaticano para tratar respectivamente com o relacionamento da igreja católica com o judaísmo e o islamismo respectivamente. O anúncio foi feito no Vaticano no ano passado, 22 de outubro, pelo secretário de imprensa do Vaticano, Frederico Alessandrini. Até agora o Secretariado do Vaticano para a Unidade Cristã tinha a seu cargo tratar com os judeus, e o Secretariado para os não cristãos, com os muçulmanos.

Franceses Não Gostam de Confessar

Mais de metade da população católica adulta da França deixaram de praticar a confissão, segundo informa uma pesquisa publicada pela revista católica *O Peregrino* (Le Pelerin). Muitos dos católicos entrevistados disseram que não confessam porque "é inútil, não leva a nada".

J. Edgard Hoover dizia que:

O povo gasta oito vezes mais tempo no cinema que na escola dominical; apenas uma de doze pessoas nos Estados Unidos frequenta a igreja; sete de oito crianças abandonam a igreja e a escola dominical antes de atingirem os 15 anos de idade; quinze milhões de exemplares de revistas de caráter sexual são impressos mensalmente e lidos por um terço do povo americano; há mais garçonetes de bar que moças colegiais; um milhão de jovens americanas são portadoras de moléstias venéreas; cem mil moças desaparecem cada ano com a escravidão branca; nasce anualmente um milhão de filhos ilegítimos; há cerca de um milhão de abortos ilegais praticados cada ano; os portos dos Estados Unidos têm três vezes tantos criminosos quanto estudantes colegiais; um crime sensacional é cometido cada vinte e dois segundos; um assalto com agravantes ou rapto, cada hora; um assassinio cada quarenta minutos; sessenta suicídios cada dia nos Estados Unidos; dois de cada três jovens e adultos, de ambos os sexos fumam; de cada dez pessoas que começam com aperitivos, três se tornam ébrios; para cada dólar que a nação americana dá para missões, gasta 750 com prazeres, pecados, cosméticos, etc. Leia, chore e ore ao considerar a terrível condição espiritual da América.

MUDOU DE ENDEREÇO?

Para que não se interrompa a remessa de O Ministério, envie-nos o seu novo endereço. Com todo o prazer continuaremos a atendê-lo.

Nome

Endereço anterior

Novo endereço

Envie a Casilla 286, Montevideu, Uruguai.
Associação Ministerial.

O

MINISTÉRIO adventista

O MINISTÉRIO ADVENTISTA — Publicado bimestralmente pela ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO 7.º DIA — Editado pela Casa Publicadora Brasileira, Av. Pereira Barreto, 42 — 09000 - Sto. André, São Paulo.

Ano 41 Julho-Agosto, 1975 N.º 4

Esta revista acha-se registrada no DCDP do DPF sob n.º 899 — P. 209/73

DIRETOR —

RUBÉN PEREYRA

GERENTE GERAL —

BERNARDO E. SCHÜNEMANN

REDATOR —

CARLOS A. TREZZA

COLABORADORES —

R. A. WILCOX, ENOQUE DE OLIVEIRA

DEPTO. DE ARTE —

HENRIQUE C. KAERCHER

Assinatura Anual Cr\$ 48,00
US\$ 6,00
Número Avulso Cr\$ 8,00
US\$ 1,00

NESTE NÚMERO

De Coração a Coração

Viena, Austria 2

Evangelismo Pastoral

Deus e a Igreja Desafiam os Líderes 4

Artigos Gerais

Igreja e Estado: Poderes Independentes 7

Uma Cronologia Irreal 12

O Lar Cristão

Decálogo para os Pais .. 16

Perguntas Sobre Doutrina . 18

Notas Breves 23